

Entre Berlim e Nova York: paradigmas e paradoxos no Brasil dos anos 40*

Antonio Pedro Tota**

Americanismo e americanização: paradigmas

Em 1940, no *show-business* brasileiro, travou-se uma batalha simbólica, que, no plano das representações, foi uma pequena amostra da resistência de um setor da sociedade à americanização de nossa cultura. Na noite de 15 de julho daquele ano, a elite carioca que viu o show de Carmen Miranda no Cassino da Urca mostrou-se bastante refratária à cantora, recém-chegada de Nova York, onde havia feito sucesso na Broadway e no rádio, em programas como o de Rudy Vallee, na NBC.¹

Carmen começou o show cumprimentando a platéia com um *good night people*. O público nem sequer esboçou reação. Talvez não a tivesse compreendido bem, pois, Carmen se expressou de forma errada: *good night*, sabe-se, é usado para se despedir na hora de dormir. A forma correta seria *good evening*. Se a platéia ao menos tivesse caído na gargalhada teria demonstrado que, ou havia entendido o sentido de galhofa dado por Carmen à americanização, ou que, pelo menos, sabia usar corretamente o inglês. Nem uma coisa nem outra. O mal-estar entre a atriz e a platéia piorou depois

* Esta artigo é parte da pesquisa sobre a americanização do Brasil nos anos 40 que realizei sob os auspícios do CEPE-PUC, da FAPESP, do CNPq e da Fulbright Foundation. Agradeço as sugestões que vieram de conversas que tive com Fred Stielow, Carlos Bakota, Richard Morse, Matthew Shirts, Jordan Young, Gilberto Vasconcellos, Milton Lahuerta, Raimundo Campos, Ricardo Maranhão, Paulo Lima, James Riley, entre tantos outros.

** Professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1 Motion, Picture, Broadcasting and Recorded Sound Division. Biblioteca do Congresso. Foram ouvidos quatro programas de Rudy Vallee que estão registrados sob os números: RWA 3602; RWA 3813; LWO 12736 d RWA 3811.

que ela cantou *The South American Way*, rumba de autoria de Jimmy McHugh e Al Dubin que, na interpretação da cantora, até chegava a parecer um samba. Um silêncio sepulcral foi a resposta do público que tinha ido ao Cassino para rever a *Pequena Notável*.

Refratário pode não ser o melhor adjetivo para qualificar a reação da platéia ao show daquela noite. Talvez não pareça ser o caso de se pensar que o público tenha reagido tão-somente em defesa de nossa nacionalidade, da nossa cultura popular que estava sendo bombardeada exatamente por uma de suas mais dignas representantes. A reação, talvez, estivesse mais próxima da atitude de um *mazombo*, para usar a expressão restaurada por Vianna Moog no seu livro *Bandeirantes e pioneiros*.² Mazombo como simbologia do caráter brasileiro que se manifesta desde os tempos da colônia. O mazombo, filho de portugueses nascido no Brasil, sofria de uma eterna saudade daquilo que nunca havia sido, isto é, um urbanista dos grandes centros culturais da Europa. Para aqueles brasileiros, qualquer manifestação cultural, ainda que popular, não poderia vir da própria América e muito menos dos Estados Unidos, identificado sempre com a *bárbara* cultura de massas. Eça de Queiroz sintetiza o pensamento dos mazombos: “[para eles] ... havia muito mais civilização num beco de Paris do que em toda vasta Nova York”. O paradigma era a Europa, principalmente a França; nunca os Estados Unidos.

Carmen Miranda, ofendida, dois meses depois, deu uma resposta aos “refratários” brasileiros. Apresentou-se no mesmo cassino cantando o samba *Disseram que voltei americanizada*, que Vicente Paiva e Luís Peixoto compuseram com um molho de brasilidade:

E disseram que voltei americanizada
com o burro do dinheiro
Que estou muito rica
Que não suporto mais o breque de um pandeiro
...
Que já não tenho mais molho
Ritmo nem nada
E dos balangandãs
Não existe mais nenhum(...)
Mas pra cima de mim

2 Moog, V. *Bandeirantes e pioneiros, paralelo entre duas culturas*. 9ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969, pp. 123-4 e seguintes.

Pra que tanto veneno
Eu posso lá ficar americanizada?
eu que nasci com o samba
e vivo no sereno
Nas rodas de malandros
Minhas preferidas
Eu digo mesmo eu te amo
E nunca I love you
Enquanto houver Brasil

Carmen cantou no mais tradicional estilo dos sambistas cariocas que a tinha caracterizado como intérprete *brasiliiana*.³ Na segunda parte do samba, quando ela responde com um “Mas pra cima de mim”, muda de tom, adquirindo uma entonação mais malandra. E, no fim da canção, pronuncia a palavra *Brasil*, à maneira dos novos políticos sulistas, enfatizando a letra *l*, como se fosse o presidente Getúlio Vargas fazendo discurso.

Entretanto, a cantora que fez questão de reafirmar sua condição de *brasiliiana*, de volta aos Estados Unidos, foi engolida pela engrenagem holiudiana. Fez filmes, cantou, fez shows na Broadway e, evidentemente, encheu o “burro” de dinheiro. Americanizou-se, enfim.

Junto com ela o Brasil seguiria um caminho com algumas semelhanças pois a conjuntura mundial do ano de 1940 sugeria à política externa norte-americana que atitudes como a da platéia do Cassino da Urca precisavam ser “controladas” .

O *americanismo* precisava se impor pela *americanização* da sociedade brasileira, para evitar que o *germanismo* penetrasse exatamente pelas “brechas”, ainda que tênues, de possíveis anti-americanismos. A Política da Boa Vizinhaça de Roosevelt era o instrumento de amplo espectro para a execução do plano de americanização. A sintonia fina da operação ficou a cargo do *The Office of the Coordinator of Inter American Affairs*, o OCIAA de Nelson Rockefeller. O americanismo e a americanização foram elaborados naquela verdadeira “fábrica de ideologias” criada em agosto de 1940. Desta forma, os Estados Unidos passaram a ser aceitos como um paradigma capaz de vencer a máquina de guerra nazista que parecia um modelo insuperável.

A partir daí, a mesma elite que havia repudiado a americanização de Carmen Miranda iria, aos poucos, se curvando diante da demonstração da pujança americana re-

3 Uso aqui o conceito proposto por Roquette-Pinto para identificar o “verdadeiro” brasileiro.

presentada pelos filmes de Hollywood, pela publicidade das empresas, pelos produtos que invadiam nosso mercado e pelas agências de propagandas ligadas ao OCIAA.

Talvez o americanismo possa ser entendido como uma ideologia política programática, em que o sufixo *ismo* tinha se transformado num poderoso armamento intencional planejado com claro objetivo de suplantiar outros *ismos* autóctones. Já americanização parece colocar em “prática” as propostas ideologizantes do primeiro conceito. Isto é, o americanismo prepara o campo para a aplicação da americanização. Pode-se considerar, portanto, que a americanização era, por assim dizer, bastante fruível, de fácil absorção por outras culturas “mais débeis”, para usar uma expressão de Carlos Drummond de Andrade.⁴ Isso, graças exatamente à sua simplicidade estrutural. Em outras palavras, a americanização pode ser facilmente absorvida por ser oriunda de uma cultura urbana, cosmopolita e de tênues raízes regionais mesclada de traços calvinistas utilitaristas, cujo primado era o mercado. Uma cultura digerível.

Germanismo e germanização: outros paradigmas

O fascínio estético-técnico da americanização que atraía setores da sociedade brasileira não era compartilhado por significativa fração do alto oficialato das Forças Armadas brasileiras. Os militares viam na produção em massa das indústrias de bugigangas dos norte-americanos os desvairios de uma sociedade excessivamente materializada e mercantilizada. Naquele momento, o modelo de autarquia experimentado pela Alemanha nazista parecia ser um paradigma mais adequado para muitos militares brasileiros.

No entanto, o modelo germânico não era muito simples de ser compreendido e muito menos de ser aplicado à realidade brasileira. O padrão autárquico nazista encontrava suas raízes num passado remoto da história alemã, mesclado de fragmentos da cultura conservadora do império e da modernização da era weimariana. Estava, enfim, assentado sobre um grande paradoxo.⁵

4 A crônica O Simpático William Berrien havia sido escrita na época exatamente em resposta aos que achavam que estávamos nos americanizando e perdendo nossa identidade: “...qualquer concepção das relações culturais baseada na inoculação de uma cultura mais débil por outra mais poderosa ou melhor, provida de elementos de expressão, seria uma concepção imperialista a serviço de fins econômicos e políticos indesculpáveis. Não pude encontrar vestígios dessa tendência em William Berrien. Ele é sem dúvida um cidadão americano...”. William Berrien trabalhava na Fundação Rockefeller.

5 Herf, J. *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e o III Reich*. São Paulo, Ensaio/Campinas, Unicamp, 1993, p. 15.

Para os modernistas reacionários – usando o conceito típico ideal criado por Jeffrey Herf – a Alemanha deveria basear-se no princípio do *Innerlichkeit* (expansão auto-sustentada) somado à moderna tecnologia. O *volkisch Kultur* e a *Zivilisation*, isto é, a cultura tradicional da “raça” sem se opor totalmente ao racionalismo iluminista. Adicione-se a isso a idéia, desenvolvida na época por uma ampla literatura belicista, de que a Alemanha poderia contar com uma cultura mais masculinizada, vinda do *Fronterlebnis* (experiência do front) a forjar uma geração capaz de combater o *Amerikanismus* visto como uma verdadeira praga que – com seu taylorismo, produção e consumo massivos, racionalismo da indústria – ameaçava o espírito alemão. O *Fronterlebnis* produziria almas fortes para combater o *American way of life* e seus escapismos.

De certa maneira, essas formulações, que pareciam transformar a Alemanha Nazista em notável potência mundial, captavam a atenção de parte dos oficiais do Exército brasileiro. O general Pedro de Góes Monteiro foi convidado para assistir a um dos muitos grandiosos desfiles-manobras militares em Berlim. Embora Góes Monteiro não tivesse ido à Alemanha, havia, no ideário dos militares que fizeram a Revolução de 1930, uma espécie possível de *Innerlichkeit* brasileiro. Se não contávamos com um passado de experiências técnicas vindas dos bancos das faculdades de engenharia mesclada com um romantismo⁶, tínhamos, ao menos, recursos naturais, incomparavelmente maiores do que os da Alemanha.

Enquanto não desenvolvêssemos a nossa independência técnica, o Brasil poderia comprar, pelo sistema de compensações oferecido pelos alemães, armas e máquinas produzidas nas grandes indústrias germânicas. Na transação não haveria exatamente dinheiro, seria troca de produtos por produtos através do sistema *aski mark*. Já em 1935,

... the Brazilian government made an informal compensation(aski) arrangement with Germany, in spite of having signed the reciprocal trade agreement with the United States in February of same year. Finance Minister Artur de Souza Costa, in defending this move, stated that certain Brazilian commercial interests depended on the compensation system to export their products to Germany, while others used it to import German goods.⁷

6 Idem, *ibidem*.

7 In McCann, F. D. *The Brazilian-American Alliance -1937-1945*. Princeton, Princeton University Press, 1973, p. 153.

A manifestação de autonomia do governo brasileiro gerou protestos dos americanos. Mas, para os setores militares mais nacionalistas, atitudes como essa, de independência de nossas relações comerciais, só reforçavam a idéia de afastamento do Brasil da órbita mercantilizada e “judaizante” da economia americana. Ao mesmo tempo, livrar-nos-íamos da imagem feminina elaborada pela imprensa norte-americana desde os fins do século passado para representar a América Latina.⁸ Isso se daria através de um *Fronterlebnis* transposta para a realidade brasileira e forjada na longínqua Guerra do Paraguai, em Canudos, no Contestado, principalmente nos levantes de 1922, 1924, 1926-1927, no movimento de 1930, 1935....

As formulações idealizadas dos militares encontravam, no entanto, obstáculos em nossa herança cultural carregada do espírito do mazombo, para utilizar mais uma vez o conceito restaurado por Vianna Moog. Isso porque uma outra característica do mazombo era ter no jogo uma de suas grandes alegrias. E o presidente Getúlio Vargas era um mazombo que estava jogando no plano internacional, tanto com as cartas do imperialismo mercantilizado ianque, quanto com as do imperialismo românticista germânico. Este jogo não era facilmente entendido pelo Estado Maior das Forças Armadas.

A vitória da americanização

Em que o americanismo superava o germanismo? A resposta sociológica de Herf explica, pelo menos, porque o germanismo não deu certo: a ideologia hitleriana, enfatizando a superioridade biológica dos alemães, não havia sido, é claro, suficiente para suprir a falta de matéria-prima e compensar os limites da expansão técnica encontradas pelas forças armadas germânicas, já no segundo ano da guerra. Com os aliados dava-se exatamente o contrário: uma quase infinita possibilidade de fornecimento de matéria-prima e a fantástica velocidade no aparecimento de novas técnicas que mantinham a máquina de guerra em perpétuo movimento.

Mas a assincronia entre o romantismo do nacional-socialismo fortemente ideologizado e a realidade materialmente empobrecida da Alemanha não são suficientes para explicar a “vitória” do americanismo.

8 Os jornais americanos do começo do século publicaram várias caricaturas nas quais se via sempre a América Latina representada por uma mulher e os Estados Unidos pelo tradicional Tio Sam. Ver Johnson, J. J. *Latin American in caricature*. Austin, Texas University Press, 1980.

O modelo germânico assentava-se, como foi visto, no paradoxo do *Nation* e *Zivilisation*. Por isso mesmo, o americanismo teve várias “vantagens” históricas sobre o germanismo. O americanismo não tinha paradoxos muito claros enquanto construção ideológica. Ou melhor, o paradoxo sociocultural (democracia-escravismo), presente nos Estados Unidos desde sua formação, foi varrido, pelo menos no plano legal, na segunda metade do século XIX, pelas tropas de Grant e Sherman. Em nome da união, o escravismo foi destruído e uma economia de mercado plena foi instaurada à força pela política de reconstrução dos magnatas do norte.

Diminuíam as diferenças regionais diante do implacável avanço das estradas de ferro distribuindo produtos que saíam das fábricas do nordeste americano. As diferenças diminuíam também diante do telégrafo, que já havia encurtado as distâncias na Guerra Civil, e agora vendia notícias muito rapidamente. Diminuíam diante do telefone e do jornalismo moderno com a fotografia dialogando com os textos. A fotografia já previa o cinema falado⁹, ícone maior da cultura americana do próximo século. A notícia transformava-se em mercadoria.

A propósito, a Guerra Civil norte-americana foi um dos primeiros conflitos registrado avidamente pela mídia, antevendo o que aconteceria com a Primeira e Segunda Guerras, com a Guerra do Vietnã e com a multimídica guerra do Golfo Pérsico.

Depois de 1865, o capitalismo pleno tornou-se produto nacional. Os regionalismos culturais que manifestassem resistência seriam absorvidos pela indústria da comunicação que se formava no século XIX e se firmou no século XX. E, sem dúvida, o século XX foi o século do cinema, esta a maior de todas as inovações americanas no sentido do *entertainment*, que “inventou” o *American way of life* americanizando primeiro os Estados Unidos, depois o resto da América. A via era o mercado.

No plano social, o *apartheid* que surgiu nos anos subsequentes à Guerra Civil com o aparecimento das *color line* (linha traçada no chão que separava negros e brancos em espaços públicos) era uma manifestação de um racismo impedernido que aproximava a democracia liberal americana à ditadura racial nazista. A semelhança que existia no plano sócio-político desaparecia no econômico. Enquanto a economia nazista mantinha uma certa relação com o romanticismo, a dos americanos era baseada unicamente no primado da mercadoria. Isso explica porque o ritmo do *swing* da *big band* de Glenn Miller atraía muito mais do que as músicas marciais das bandas militares alemãs, a

9 Benjamin, W. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 172.

marcar o passo de ganso das SS. Foi Luís da Câmara Cascudo quem acertou quando identificou nas síncopas das canções de George Guershwin o ritmo incessante das máquinas de produção em série da Ford ou outra grande *corporation* americana.¹⁰ Tudo, enfim, era ditado pelo ritmo do capital gerador do dinheiro. Irresistível.

Mesmo o *Office of the Coordinator of Inter American Affairs*, esta “fábrica de ideologias”, que não tinha objetivos mercadológicos explícitos, fazia da imagem ou da voz de Carmen Miranda, ou da imagem ou da voz de Orson Welles, produtos para o público via mercado: os programas eram patrocinados por grandes empresas americanas. O receptor, para usar o conceito das ciências das comunicações, recebia, na mesma embalagem, a *Good Neighbor Policy*, a Gelatina Royal e a Coca-Cola apresentados nos programas de Welles ou de Carmen. O mesmo não se dava com o “produto” alemão que era ideologizado e compulsoriamente “consumido” pelo receptor.

Notável é que Frank Capra, considerado um dos mais destacados “fabricantes” do sonho americano, via fruidez do mercado holiudiano, ficou impressionado com a ideologia estetizada nazista. No começo de abril de 1942, ele e Anatole Litvak foram ao MOMA, o Museu de Arte Moderna de Nova York para, numa sessão especial, verem *O triunfo da vontade*, o já famoso filme de Leni Riefenstahl. Capra ficou atônito:

*It scared the hell out of me. My first reaction was that we were dead, we could'n win the war... just exactly as Austrians did...and...the Channel countries did. That picture just won them over. ...when I saw it I just thought, "how can we possibly cope with this enormous will to fight?" . Surrender or you are dead – that was what the film was saying to you.*¹¹

O Frank Capra que estava atemorizado diante do “fascinante fascismo”¹², era o esteta distanciado momentaneamente da realidade cultural-mercadológica americana. No calor da hora, ele não se deu conta de que o filme de Leni tinha uma limitação imposta pela ideologia romancista do nazismo em que a “história real se transfigurava ideologicamente em história da alma ... sob uma necessidade cega”¹³. O filme de Riefenstahl transformava o poder em espetáculo, a política em estética. Uma demonstração de “ca-

10 Gershwin, in Saraiva, G. *Câmara Cascudo, musicólogo desconhecido*. Recife, Cia. Editora de Pernambuco, 1969, pp. 83-6.

11 In McBride, J. Frank Capra, the catastrophe of success. New York, Simon & Shuster, 1992, p. 466.

12 Sontag, S. Fascinating fascism. In: *Under the Sign of Saturn*. New York, Farrar, Straus, Giroux, 1980.

13 Adorno, T. Citado por Herff, J. In: op. cit, p. 120.

maradagem”, de juventude e da força da vontade do *volk* e do sangue. Mas, fora do contexto profundamente ideologizado daquele momento histórico alemão, as marchas, os discursos, os desfiles, tochas e referências aos cultos pagãos das primitivas tribos germânicas significavam quase nada. Moveram, quando muito, alguns corações de isolados integralistas, de oficiais do exército brasileiro e assim mesmo, por pouco tempo: não demorariam muito a se converterem à americanização.

Recobrado do impacto, Capra tentou uma resposta à altura fazendo, juntamente com Litvak, a série *Why we fight?*, destinada aos soldados do front. Um documentário com “boas” intenções propagandísticas, patrocinado pelo *Office of War Information* e pela *Signal Corps*, a companhia cinematográfica ligada às Forças Armadas. Pouco efeito teve a série. Hoje é parte integrante de arquivos sobre a Segunda Guerra Mundial. Os filmes que Capra fizera sem “intenção” de propaganda tiveram um efeito muito maior. *Mister Smith Goes to Washington*, *Mister Deeds Goes to Town* ou *It's a Wonderful Life* levavam uma mensagem muito mais forte do *American way of life* do que a propaganda dirigida da série *Why we fight*. E isso era feito via mercado. Seus filmes renderam milhões de dólares.

Mesmo assim, os Estados Unidos precisavam garantir que o resto do continente americano estaria a seu lado quando a guerra atingisse inevitavelmente o Novo Mundo.

Espiões constroem uma imagem do Brasil: OSS

O *Office of Strategic Services*, OSS, era o serviço de inteligência-espionagem dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Este sistema de espionagem havia sido criado pelo presidente Roosevelt no dia 11 de julho de 1941, com o nome de *Coordinator of Information*. A direção do serviço foi dada ao coronel reformado Bill Donovan. Quando o presidente Roosevelt fez o decreto, parecia claro que suas atividades

*...[is not intended] to supersede or to duplicate or to involve any direction of or interference with the activities of the General Staff, the regular intelligence services the FBI and other existing department and agencies.*¹⁴

14 In History of the Office of the Coordinator of Inater-American Affairs – Historical Reports on War Administration (Rowland, D. W. *Historical Office*. Washington, Government Printing Office, 1947, p. 195).

Apesar das recomendações contidas no documento presidencial, as diferentes agências e departamentos colidiriam com o intrépido “Wild” Bill, como era conhecido o chefe da espionagem norte-americana.

O COI (*Coordinator of Information*) estava encarregado, dentre outras coisas, de detectar os serviços secretos alemães e o sistema de propaganda nazista onde quer que se manifestassem. O Brasil era, portanto, objeto de investigação por parte dos analistas e espões da agência americana, principalmente sabendo que importantes figuras do Partido Nacional-Socialista, como Hermann Rauschning, haviam mostrado, alguns anos antes, especial interesse no Brasil:

*We shall create a new German there. We shall find everything we need there. All the pre-conditions for a revolution were there, a revolution which in a few decades or even years, would transform a corrupt mestizo state into a German domination... We shall give them... our philosophy... If ever there a place where democracy is senseless and suicidal, it is in South America [grifos meus]... Let us wait a few years, and in the meantime do what we can to help them. But we must send our people out to them We shall not land troops like William the Conqueror and gain Brazil by the strength of arms. Our weapons are not visible ones. Our conquistadores... have more difficult task than the original ones, and for this reason, they have more difficult weapons.*¹⁵

Vários relatórios e análises sobre a realidade brasileira foram elaborados pelo serviço secreto norte-americano. Aos olhos do OCIAA de Rockefeller, o trabalho do COI de Bill Donovan, pelo menos no que se referia à América Latina, não tinha a necessária sutileza e o refinamento das transações diplomáticas de um Caffery ou de um John Hay Whitney ou do próprio Nelson Rockefeller. O OSS (COI) entrava em choque com o OCIAA.

Mesmo assim, tanto o OSS (COI) quanto o OCIAA procuravam entender o Brasil para mantê-lo, pela melhor via possível, ao lado dos Estados Unidos no caso da guerra atravessar o Oceano. O OSS, como serviço de espionagem, parecia estar mais preocupado em fazer, por isso mesmo, análises do ponto de vista militar, o que, como já se disse, desagradava imensamente Rockefeller. De qualquer forma, o serviço de espionagem produziu vários documentos sobre a situação do sul do Brasil, onde era grande a presença de uma população de origem alemã.

15 Citado por McCann, F., op. cit, p. 80.

O documento datado de 11 de agosto de 1942, por exemplo, tinha o seguinte título:

Strategic Survey of South Brazil

Copy n. 23

Latin American Section

O estudo feito pelo OSS contém um breve levantamento histórico começando no século XVIII (assentamentos dos açorianos na região sul) até chegar à situação específica do século XX. Temas como cor, raça, preconceito, comportamento e costumes culturais mereciam destaque, tendo como pano de fundo o inter-relacionamento e a “coexistência” das diferentes raças que compunham o cenário populacional brasileiro.

A perspectiva do documento era puramente militar-estratégica: hipóteses como a invasão do sul do Brasil chegaram a ser levadas em conta. No entanto, no conjunto do texto, havia uma interrogação subjacente que parecia perturbar os burocratas analistas da agência precursora da famosa CIA americana: como os brasileiros conseguiram “sobreviver” numa sociedade com limites pouco definidores dos papéis de cada classe na sociedade? Ainda que não seja muito fácil detectar tais injunções, um pequeno trecho do documento pode demonstrar uma certa “admiração” pela *mix* racial brasileira: “few Negroes were ever brought to the region and the Indians who survived slaving raids were either absorbed by intermarriage or driven into the western areas” .

O principal objetivo, no entanto, era estudar a formação dos centros de imigração européia entre os séculos XIX e XX. Um mapa de densidade populacional mostrava a distribuição populacional com manchas mais acentuadas nas capitais. A vinda de imigrantes alemães era analisada com bases em dados estatísticos:

- no estado do Rio Grande do Sul havia aproximadamente 550 mil alemães e descendentes,
- no estado de Santa Catarina cerca de 275 mil,
- no Paraná outros 120 mil alemães e seus descendentes.

O quase 1 milhão de alemães, com fortes possibilidades de apoiar a idéia nazista de uma grande *fatherland* germânica, com extensões na América Latina, era um resultado assustador. Os norte-americanos tinham que levar em consideração as várias hipóteses para evitar a disseminação do nazismo na região considerada cabeça de ponte para a ocupação do Atlântico Sul pela Alemanha. Dentre as diversas possibilidades que foram aventadas pelo serviço secreto encabeçado por “Wild” Bill Donovan, uma delas,

como já se disse, foi a invasão do Rio Grande do Sul. Mas, o pragmatismo racista dos americanos levou o OSS a formular uma curiosa hipótese: e se a incumbência da invasão do sul do Brasil pelos Estados Unidos fosse dada a uma tropa de soldados negros? Nesse caso, seria preciso tomar certos cuidados. Claro que se tratava de uma região onde

a certain amount of bad feeling exist locally between German colonies and the Portuguese Brazilian population, based largely on the Germans' attitude on superiority and scorn toward the Portuguese Brazilians.

Mesmo numa região com estes matizes de “arianismo” manifesto, se uma tropa de negros tivesse que ser desembarcada era preciso tomar precauções porque

...Although there are few Negroes and the inhabitants themselves are not entirely free from race prejudice, they pride themselves upon having no color distinctions. They would resent any attempt to establish a color line even if it concerned only foreign Negro troops stationed in the region (grifo meu).¹⁶

A consideração do OSS tem profundo significado. Os americanos estavam visivelmente preocupados com a possibilidade de não terem seus costumes racistas aceitos pelas populações locais em caso de uma provável invasão. E, se compararmos com a proposta de Rauschnig quando falou que “we shall no land troops...Our weapons are not the visible one” para conquistar os “volksdeutsche” (alemães nascidos no estrangeiro), as hipóteses do serviço de espionagem americano poderiam parecer mais grosseiras.¹⁷ Os alemães insistiam em conquistar o “fundo do coração” de um povo, em

16 Rolo 32. Biblioteca da Unesp-Araraquara.

17 As intenções de colonizar o Brasil pelos alemães não eram novas. Colonizar não na vinda de colonos, como aliás já havia acontecido com a política imigratória do Império. Colonizar no sentido imperialista. A *realpolitik* bismarckiana induziu o historiador von Tritzche a elaborar, na década de 1870, a seguinte proposta: “para uma nação que sofre de contínua superprodução [populacional] e envia, anualmente, 200 mil de seus filhos ao estrangeiro, a questão da colonização é vital. A emigração alemã será, por muito tempo, uma necessidade inevitável e é dever da mãe-pátria cuidar para que seus filhos errantes continuem fiéis à sua nacionalidade e abram novos canais para seu comércio. Isto é mais importante do que nosso controle político sobre as terras colonizadas. Portanto, é justificável dirigir as correntes de emigrantes alemães para as terras onde eles não correm perigo de perder a sua nacionalidade. Tal território já foi encontrado no sul do Brasil. Ali, a nacionalidade alemã permanece intacta e nosso comércio exportador crescente com essa área mostra lucros proporcionais para a velha pátria pela lealdade de seus filhos emigrados”. Ver também

vez de usar armas convencionais, aliás como havia recomendado Joseph Goebbels no congresso do Partido Nazista em setembro de 1934. Interessante que alguns agentes de Donovan, como foi o caso de Edmund Taylor que trabalhava na seção de propaganda do F.I.S. (*Foreign Information Service*), chegaram a pensar em “emprestar” os métodos de Goebbels, o que demonstrava os conflitos entre as diferentes divisões do OSS.¹⁸

O documento de 1942 continuou a analisar a situação do Brasil com base em algumas considerações socio-econômicas. Uma conclusão geral era a de que “...as is true of Brazil in general, social classes are divided on the basis of economic standing”, ou seja, não eram levados em conta critérios raciais, como nos Estados Unidos.

Outro tópico pensado pelos analistas do OSS foi a reação da população a uma possível invasão da região sul: “*a task force from the US entering with the permission of Brazilian government would receive a qualified welcome from Portuguese Brazilian population of the south of Brazil*”. Em outras palavras, a classe dominante descendente dos antigos colonizadores brancos seria cooperativa. O texto reafirma mais adiante que a classe dominante tenderia a ser amistosa com as tropas invasoras enquanto a classe baixa seria indiferente: “*The attitude of the lower class would range from apathetic to friendly, and the small upper class would on the whole, be friendly*”. E se a invasão fosse feita sem a permissão? Neste caso “*... an invasion without permission would of course meet widespread hostility*”. A visão de Donovan e do OSS se aproximava mais da *gun boat diplomacy* do primeiro Roosevelt, do que da *Good Neighbor Policy* do segundo. O documento está, como se vê, cheio de sugestões e insinuações de uma ação militar.

Nelson Rockefeller reagiu a esses métodos propostos pelo OSS para analisar e pensar o papel do Brasil e a América Latina no clima de crise da época. O episódio do conflito entre Rockefeller e Donovan é descrito de forma pitoresca no livro de Richard Dunlop *Donovan, The American Master Spy*:

One day, an angry Nelson Rockefeller strode into Bill Donovan's office. The CIAA had an information program that Rockefeller told ...was now superseded by that of the COI. Donovan pointed out that the president ...knew his own mind and that Rockefeller's service

Magalhães, M. D. B. de. *Alemanha: mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas, tese de doutoramento, Unicamp, 1993.

18 Smith, B. F. *The shadow warriors: O.S.S. and the origins of the C.I.A.*, New York, Basic Books, 1983, p. 70. O agente referido dito “[we] want to take off the gloves and emulate Goebbels”.

should be incorporated into COI. Rockefeller stomped out of the office. He returned in a few days and insisted that he be allowed to keep his information service in Latin American.

Depois de mais uma áspera discussão entre os dois, Donovan reafirmou que as informações ficariam sob sua autoridade.

Rockefeller returned to his...office, telephoned the White House, and learned that COI had indeed won authority over his information program. He dispatched Anna Rosenberg to ...see the President. Another Rockefeller advocate, John Whitney, also saw the President ...FDR had invited the Whitneys to dinner with him that night, and Jock Whitney was certain that he would be able to put in a good word for Rockefeller. But when the Whitneys arrived at the White House they discovered that a smiling William Donovan was also a dinner guest...neither Whitney...nor Donovan could mention the subject that was uppermost in both of their minds. Perhaps Anna Rosenberg's intersection was decisive. In any event, next morning FDR issued an order keeping the CIAA's information program out of COI.¹⁹

O conflito entre Donovan e Rockefeller escondia questões mais profundas. Todos os oponentes do COI se apoiavam na ordem do Presidente Roosevelt de que os serviços de Donovan não deveriam suplantar outros departamentos e ele ficaria sujeito a um apoio verbal do presidente. E foi por isso que “*the order sidestepped the objections of various critics, such as Nelson Rockefeller... who opposed giving Donovan a monopoly on foreign radio propaganda*”.²⁰ Ou seja, uma das raízes do antagonismo entre as duas importantes agências era o monopólio da transmissão de programas de ondas curtas para a América Latina.

A Dupla Vitória

De qualquer forma, a vitória coube ao OCIAA. Uma vitória significativa. Vitória do programa de “conquista dos corações e mentes” dos brasileiros em vez da submissão militar. Na verdade, dupla vitória do OCIAA: uma, sobre o setor que tinha como filosofia a americanização pela força, e outra sobre o projeto de germanização, embora este último também pretendia a conquista “pelos corações”. A ideologia do americanismo triunfou por meio da americanização da sociedade brasileira. Americanização

19 Dunlop, R. *Donovan, American master spy*. Chicago, Rand McNally, 1982, pp. 304-5.

20 Smith, B. F., op. cit, p. 68.

que se fez via mercado atado às esferas políticas e social de um importante setor do governo americano. Dupla vitória porque as propostas do OSS de Donovan ou do SI (*Special Inteligente Servisse*), criado em 3 de junho de 1940 pelo FBI de Hoover para “vigiar” a costa leste da América Latina, implicavam, de uma forma ou de outra, no uso da força da espionagem ou, pelo menos, no uso de subterfúgios com o objetivo de pressionar o governo de Vargas e intimidar as demonstrações de independência na luta entre o imperialismo alemão e americano. Dupla vitória: uma sobre as propostas nazistas de germanizar a região (“*we shall create a new Germany there*”, segundo Rauschning), baseada num projeto racial ariano e outra sobre as desajeitadas interpretações racistas do *Office of Strategic Services*.

Certo que, tanto americanos dos serviços secretos quanto alemães viam os “*caipiras*” ou “*cholos*” latino-americanos com ar de superioridade racial. Na fala de Rauschning, o Brasil mestiço e corrupto – mestiçagem vista como sinônimo de corrupção – seria o lugar ideal, depois de banida, é claro, a mestiçagem, para uma dominação germânica. A análise do OSS não era menos racista quando usava expressões como *half-cast*, para designar os mestiços, num documento intitulado *Preliminary Report on the Dossier of Insecurit in Brazil*, datado de 13 outubro de 1941.

O problema da raça e suas implicações nunca deixou de ser discutido e analisado pelos órgãos de inteligência da época.

Certo também que, o “democrático” OCIAA acabava pensando o Brasil com grande parcela de *race-prejudice* (usando a expressão politicamente correta em inglês), mas jamais como a força programática contida nas análises do OSS. Basta lembrar que quando Donald foi convidado por “Joe” Carioca, no filme *Os Três Cavaleiros*, para visitar a Bahia, o pato – estereótipo do americano – *fall in love* por uma baiana branca, não uma mulata ou uma negra. Claro que a baiana, Aurora Miranda, era morena, o que diminuía a distância entre as diferenças raciais. Por outro lado, Disney deixou-se fotografar em Mangueira vendo uma criolinha sambando ao som de um tamborim. Não havia pecado ao sul do Equador.